

MDB baiano espera vaga para o Senado

Numa entrevista coletiva que tinha o objetivo de demonstrar que "matematicamente a oposição baiana tem chances de fazer um senador" e anunciar a integração de Josafá Marinho à campanha, o economista Rômulo de Almeida, um dos candidatos ao Senado pelo MDB da Bahia, confirmou a informação divulgada pelos jornais, de que chegou a ser convidado duas vezes, em 1964 e 1973, a colaborar com o governo revolucionário. E acabou defendendo, juntamente com Josafá Marinho e Newton Macedo Soares, a legalização do Partido Comunista no País.

Deixando temporariamente a postura de político para assumir a linguagem dos economistas, Rômulo disse que é absurda e irreal a margem de vitória apregoada — 500 mil votos — pelos líderes arenistas, em relação à soma dos votos dos candidatos emedebistas. E concluiu que, na luta pelo Senado, o MDB terá, somando-se os votos dos dois candidatos, 53 por cento, ficando a Arena com 47. Por outro lado, ele admitiu que a Arena deverá obter 63 por cento dos votos para a Câmara Federal e Assembléia Legislativa.

A respeito de suas ligações com a Revolução, Rômulo de Almeida afirmou que, em 64, como presidente do Banco do Nordeste, era amigo pessoal de Castelo Branco, então comandante da Região Militar do Ceará. Foi quando recebeu o primeiro convite:

— Tanto eu, como o Jesus Soares Pereira e o Celso Furtado éramos amigos, não só do Castelo, mas também do Geisel. Nessa época, fui sondado para colaborar com a Revolução, ocupando o cargo de governador da Bahia ou de superinten-

dente da SUDENE. Estava nos Estados Unidos quando recebi o convite, e mandei dizer que não queria nada com a Revolução, que começou cometendo crimes, como a cassação de Jesus e Furtado.

O segundo convite aconteceu em 73, segundo Rômulo de Almeida:

— Foi quando me encontrei com o Geisel. Ele já havia sido escolhido, mas ainda estava na Petrobrás. Nesse encontro, ele fez um ato de contrição, procurando sempre justificar a cassação dos dois amigos. Isso significou que ele assistiu, impassível, à degola de amigos, por estar pressionado por grupos econômicos de São Paulo, através do II Exército. Prometeu que, no seu governo, iria reparar as injustiças, mas não reparou coisa nenhuma. Acredito que não por falta de intenção, mas por falta de poder diante do grupo que manipula o sistema.

A defesa da legalização do PC foi feita pelos três representantes de maneiras diferentes. Enquanto o ex-senador Josafá Marinho apenas argumentava que entre os diversos partidos a serem constituídos devem estar incluídas tendências que vão desde o conservadorismo até o socialismo e comunismo — "as idéias não são crimes, as opiniões nunca constituem delito" —, o candidato Rômulo de Almeida dava explicações detalhadas para essa defesa da legalização do PC:

— O preconceito contra o PC vem da guerra-fria. Fala-se que ele é inimigo mortal da democracia. Isso é uma coisa historicamente equivocada porque, em primeiro lugar, a sua luta na clandestinidade resulta de não ter chance por vias legais e, em segundo lugar, porque a tão falada tutela do PC

soviético já está superada. Hoje, no mundo inteiro, o PC está voltando às suas origens europeias, que são de caráter libertário e, portanto, democrático.

Na opinião do outro candidato ao Senado, Newton Macedo Campos, que foi preso em 64 por suas participações em atos públicos pela legalização do PC, "não pode haver democracia sem liberdade para todas as ideologias". E encerrou a sua exposição com uma citação de João Mangabeira: "Uma opinião, por mais que seja, pode varar todos os limites do erro, mas não atingirá jamais nenhum dos limites do crime".

SUL

O senador Paulo Brossard e o candidato Pedro Simon consideraram a campanha eleitoral desse ano "a mais triste da história do Rio Grande do Sul", mas garantiram que a oposição vai repetir a grande vitória de 1974. A explicação de Brossard: "A Lei Falcão proporcionou um derrame de dinheiro em propaganda e corrupção, eu andei por todo o País e gostaria de saber de onde saiu tanto dinheiro".

Ele criticou também o uso dos serviços do Estado em favor dos candidatos da Arena, mas fez uma ressalva em relação à participação de Geisel e Figueiredo na campanha: "Pelo menos no Rio Grande do Sul, os resultados disso serão negativos. No caso do presidente, todo mundo considerou abuso, e quanto ao Figueiredo, à medida que fala sem papel na frente, ele ajuda a oposição. Poderia ter vindo mais vezes aqui".

Brossard e Simon fizeram um passeio que durou duas horas na tarde de ontem pelas ruas de Porto Alegre. Na rua da Praia, tomaram um cafezinho na "Bruxa", um dos pontos tradicionais da cidade.